

09/05/96
21/7/96
383

Assentado pelo Incra vendeu terra onde Darly estava

Usando documentos de um primo, assassino de Chico Mendes conseguiu até mesmo empréstimo no Banco da Amazônia

Rodrigo França Taves e
Elza de Oliveira

● BRASÍLIA, SÃO PAULO e CURITIBA. Darly Alves da Silva, assassino de Chico Mendes que foi preso domingo pela Polícia Federal, tinha 5.500 pés de cacau, sete mil pés de pimenta e 140 cabeças de gado numa fazenda de 1.300 hectares que, embora num assentamento do Incra, foi comprada de particulares. Usando documentos falsos do primo Francisco Matias de Araújo, ele obteve até um financiamento de R\$ 13 mil no Banco do Estado da Amazônia (Basa) e se preparava para iniciar o plantio de quatro mil pés de café.

Darly tinha intensa vida social em Medicilândia, a agrovila no Pará que escolheu como esconderijo. Tanto que no sábado, já sob a vigilância da PF, chegara a dançar o forró "Nem Chico Mendes sobreviveu", de Luiz Gonzaga, durante uma animada festa.

A Justiça Federal decidiu que Darly vai ficar preso em Brasília por causa da falta de segurança do presídio de Rio Branco, apesar do pedido do advogado Rubens Torres, protocolado ontem na Vara de Execuções Penais do Acre, para que ele seja imediatamente transferido para a cidade onde cumpria pena. O juiz Jair Facundes, que até anteontem afirmava que não havia motivo para Darly cumprir pena fora de Rio Branco, já tinha mudado de opinião e levantava a possibilidade de deixar o preso em Brasília ou em outro estado com penitenciárias mais seguras. Em Brasília, Darly poderá ficar no Presídio da Papuda.

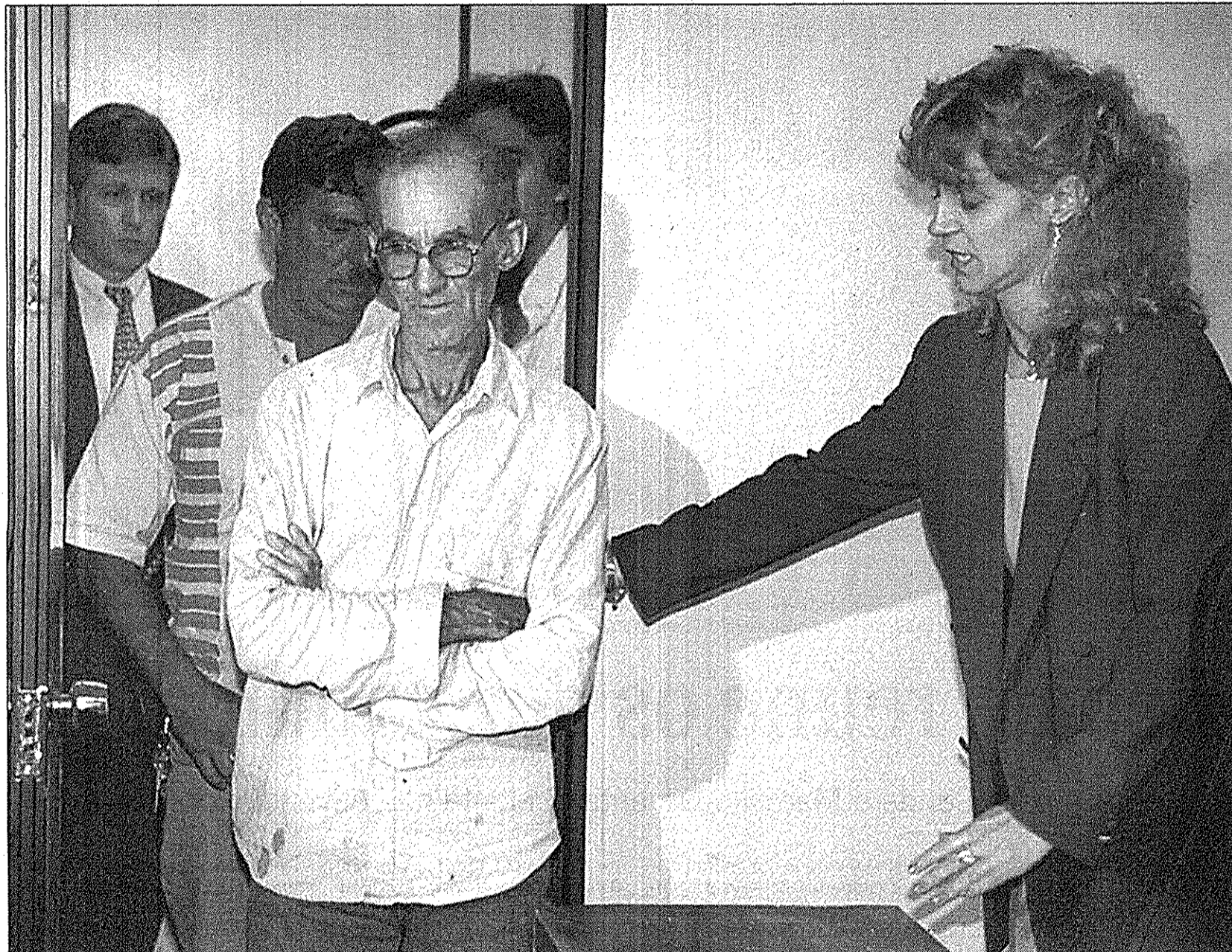
— É claro que aqui ele estará seguro — disse o diretor da Polícia Federal, Vicente Chelotti.

Fazendeiro diz que agrovila onde vivia parecia uma prisão

Apesar dos indícios de que vivia muito bem como foragido, Darly disse ontem, em seu primeiro depoimento na Superintendência da PF em Brasília, que pretendia se entregar à Justiça. Aos jornalistas, comparou a agrovila à colônia penal de Rio Branco, de onde escapou em 1993:

— Estava num buraco muito feio, me considerava preso do mesmo jeito — resmungou.

Aos delegados, Darly garantiu que não contou com a ajuda de carcereiro algum para fugir e revelou detalhes que comprovam a farsa armada para fingir que a po-



O FAZENDEIRO DARLY Alves da Silva é levado ao auditório da Polícia Federal para a entrevista coletiva. Ao fundo, de gravata, o diretor Vicente Chelotti

lícia tentava recapturá-lo. Primeiro, andou cinco quilômetros até Rio Branco. Depois, usou um rádio-táxi para ir até a fazenda do pai, em Senador Guimard. Lá ficou por oito dias até voltar para sua própria fazenda, a Paraná, em Xapuri, que, por incrível que pareça, foi usada como esconderijo durante oito meses. Só então resolveu encontrar o filho, que já estava em Medicilândia. Seguiu de carro, passando por Porto Velho, Cuiabá, Goiânia, Imperatriz (MA), Marabá e Altamira (PA).

— Posso garantir que não saí do Brasil — disse Darly, negando ter se escondido na Bolívia, como chegou a ser noticiado.

Para conseguir os documentos falsos, Darly se valeu de uma carteira de identidade velha de seu primo Francisco. Sua filha mais

nova, que mora no Paraná, conseguiu uma segunda via da certidão de nascimento do fantasma, e foram estes documentos que Darly usou para tirar o CPF e a segunda via da identidade com uma foto mais recente, em Medicilândia.

Darly disse que foi muito fácil conseguir o empréstimo:

— Abri uma conta com o documento falso e fiz um cadastro. Um dia o gerente me perguntou: "Você não vai comprar nada na exposição, rapaz? Seu cadastro foi aprovado". Peguei o dinheiro e comprei umas coisas. Não tive dificuldade — disse.

O financiamento também foi concedido para Deusimar Nascimento Vidal, mulher de seu filho Darci, foragido como ele.

A Polícia Federal manteve agentes de plantão na casa onde

o fazendeiro foi preso, à espera de Darci, que foi vender cacau no Espírito Santo. Lá ficaram também Margareth, uma das quatro mulheres de Darly, com os quatro filhos menores do casal, e na casa ao lado os três filhos de Darci com Deusimar. Na operação foi apreendido um revólver 38 de Darci. O pai disse aos policiais que o filho poderá se entregar.

Em São Paulo, o ministro da Justiça, Nelson Jobim, disse que a prisão de Darci é uma questão de tempo. Segundo o ministro, durante a caça a Darly e Darci, a PF deu publicidade e crédito à versão de que tinham se refugiado na Bolívia para não despertar a atenção dos dois.

No Paraná, o juiz José Roberto Pinto Júnior, de Umuarama, a 620 quilômetros de Curitiba, marcará

hoje a data do julgamento de Darly, que responde a processo pelo assassinato do corretor de terras Acir Urizzi, em 1973. O julgamento foi adiado pelo menos três vezes, entre 1991 e 1993, enquanto Darly cumpria pena no Acre pela morte de Chico Mendes. A defesa alegava motivos de saúde ou falta de segurança na transferência do réu para Umuarama. O julgamento deve ocorrer ainda este ano.

Ontem, ao tomar conhecimento da prisão de Darly, o promotor Pedro Valter Torrezan analisou o processo, que tem 750 páginas, e concluiu que o crime não está prescrito. O Código Penal estabelece prescrição para homicídios depois de 20 anos, mas existem várias etapas processuais que interrompem a prescrição, fazendo com que a contagem dos 20 anos

OPINIÃO

A CHAVE DA CELA

● VOLTA PARA a prisão o fazendeiro Darly Alves da Silva, mandante da morte de Chico Mendes. Não é preciso sublinhar a importância da captura, como satisfação ao sentimento de justiça e até do ponto de vista da imagem do Brasil, duramente atingida pelo crime e seus desdobramentos.

MAS A prisão abre um campo de investigação que não pode ser desprezado.

ATRAVÉS DE Darly, é finalmente possível — diga-se: é obrigatório — rastrear a malha de cumplicidades que lhe abriu a porta da cadeia. A fuga foi anunciada, quase que com dia marcado, e era esperada por quem quer que conhecesse o contraste entre a fortuna de Darly e a situação dos policiais e dos carcereiros que o guardavam.

DEIXAR TUDO por isso mesmo será o mesmo que entregar ao assassino — recapturado numa trabalhosa operação da Polícia Federal — as chaves de sua cela.

seja reiniciada. A morte aconteceu em 29 de junho de 73, mas a denúncia do réu, a pronúncia e depois a confirmação da pronúncia, pelo Tribunal de Justiça do Paraná, foram momentos de interrupção da prescrição.

— O Tribunal confirmou a pronúncia em 29 de setembro de 89. Por isso, o crime só estará prescrito em 2009 — disse.

Darly mudou-se para o Noroeste do Paraná em 1958 para fugir de outro crime que teria cometido em Minas Gerais, como mandante da morte do agricultor Manoel Alves Pinto e seu filho Pedro Alves Pinto. Os desentendimentos com o corretor envolviam uma fazenda, em Vila Alta, disputada pelos dois. Logo depois de denunciado, Darly vendeu suas terras e foi para o Acre. ■